

ESBOÇOS PIRRÔNICOS

Versão Delta

Tradução: Plínio Junqueira Smith

1- Introdução geral.

a) A diferença mais genérica entre as filosofias.

(1) Para quem investiga alguma coisa, ou a descoberta é o resultado natural, ou a negação da descoberta e a confissão da inapreensibilidade, ou a persistência na investigação. (2) Por isso, sem dúvida, também a respeito das coisas investigadas pela filosofia, uns disseram que descobriram o verdadeiro, outros declararam que este não é capaz de ser apreendido, enquanto outros ainda investigam. (3) Os que pensam que o descobriram são propriamente chamados de dogmáticos, como Aristóteles, Epicuro, os estoicos e alguns outros; os que o declararam como inapreensível são Clitômaco e Carnéades, bem como outros acadêmicos; e os que investigam são os céticos. (4) É razoável, portanto, pensar que as filosofias mais gerais são três: a dogmática, a acadêmica e a cética.

Sobre as outras, então, convém que outros falem. Da orientação cética, apresentaremos a seguir um esboço, dizendo de antemão que, com relação às coisas de que falaremos, não asseguramos de nenhuma que é exatamente como dizemos, porém, relatamos cada uma à maneira de um registro segundo o que nos aparece agora.

b) Os discursos do ceticismo.

(5) Na filosofia cética, um discurso é chamado geral e o outro, específico. No geral, expomos o que é característico do ceticismo, dizendo que concepção se tem dele, quais são os seus princípios, quais as razões, qual o critério e qual o objetivo; quais os modos da suspensão de juízo; como entendemos as expressões céticas; e a diferença do ceticismo com filosofias próximas.¹ (6) No discurso específico, argumentamos contra cada parte da chamada filosofia. Trataremos primeiro, então, do discurso geral, começando a exposição com os nomes da orientação cética.

2- As características do ceticismo

a) Os nomes do ceticismo.

¹ O texto original está cheio de *kai* (nossa conjunção “e”). Para não ficar redundante, substituíu-se a conjunção pelo ponto e vírgula, deixando o “e” quando o português assim o exigisse. A meu ver, cada ocorrência de *kai* introduz um grupo de explicações básicas do ceticismo. As vírgulas podem indicar também que há um agrupamento de assuntos (razão, critério e finalidade), de modo que a razão cética estaria mais associada ao critério cético e à finalidade cética do que ao princípio cético de oposição.

(7) Assim, a orientação cética é chamada de: investigativa pela atividade de investigar e de examinar; de suspensiva pela condição² gerada no examinador após a investigação; aporética por suscitar aporias e investigar sobre tudo, como dizem alguns, ou por hesitar quanto a assentir ou a negar; e pirrônica por parecer-nos que Pirro se aplicou de maneira mais firme e clara ao ceticismo.

b) O conceito de ceticismo.

(8) O ceticismo é a habilidade³ de opor coisas que aparecem⁴ e coisas pensadas⁵ de todos os modos possíveis, levando-nos, por causa da equipolência entre coisas e discursos opostos, primeiro à suspensão de juízo e, depois, à imperturbabilidade.

(9) Dizemos que é uma “habilidade”, não num sentido rebuscado, mas de modo simples, como ser capaz de algo. Por “coisa”, entendemos aqui coisas sensíveis e, por isso, as contrastamos às coisas pensadas. A expressão “de todos os modos possíveis” pode se ligar tanto à “habilidade”, de maneira a nos fazer considerar a palavra “habilidade” em seu sentido simples, como havíamos dito, quanto à expressão “opor coisas que aparecem e coisas pensadas”, pois, uma vez que os opomos de vários modos, - ou coisas que aparecem a coisas que aparecem, ou coisas pensadas a coisas pensadas, ou umas às outras, - para que todas as oposições sejam abrangidas, dizemos “de todos os modos possíveis”. Ou ligamos “de todos os modos possíveis” a “coisas que aparecem e coisas pensadas”, para não investigarmos como coisas que aparecem aparecem ou como coisas pensadas são pensadas, mas os consideramos de modo simples. (10) Por “discursos opostos”, entendemos, não necessariamente negação e afirmação, mas, em vez disso, simplesmente os conflitantes. Chamamos de “equipolência” a igualdade com relação à confiabilidade e à inconfiabilidade, para não indicar qualquer dos discursos conflitantes como mais confiável. A “suspensão do juízo” é um estado da mente⁶ no

² Annas e Barnes traduzem por “feeling”. Essa tradução parece não corresponder ao sentido original de *páthos*. Não se trata, a nosso ver, de uma sensação ou de um estado momentâneo sensível, mas de uma condição permanente gerada no cético após este passar pela experiência intelectual de investigar e suspender o juízo sobre todas as questões filosóficas.

³ O termo *dúnamis*, central na caracterização do ceticismo, pode ser traduzido também por “capacidade”. No entanto, uma capacidade não precisa ser exercida e, sobretudo, uma capacidade pode não exigir um treinamento ou uma prática para ser adquirida ou aperfeiçoada. Preferimos “habilidade”, justamente por que uma habilidade parece exigir essa prática para que uma pessoa se torne habilidosa numa certa atividade.

⁴ A tradução de *tà phainόμενα* por “os aparentes” causará surpresa. Os textos de Sexto são fluentes e, em geral, os termos por ele empregados seguem seus sentidos usuais na linguagem comum ou na linguagem filosófica. É o caso de *phainόμενα*, uma palavra comum, também usada na filosofia, cujo sentido era acessível a seu leitor, dispensando qualquer explicação. Por que, então, recorrer a um termo técnico, que não corresponde inteiramente ao sentido usual? Porque não há, no português, um termo que lhe corresponda adequadamente. Assim, a expressão “os aparentes” significa “o que aparece” ou “as coisas que aparecem” e terá seu sentido cético de acordo com a interpretação que tivermos de Sexto (por exemplo, quais são essas coisas que aparecem).

⁵ Para manter o evidente paralelo com a expressão *tà phainόμενα*, preferimos traduzir *tà nooúμενα* por “os pensados”, significando com ela “o que é pensado” ou “as coisas pensadas”.

⁶ Annas e Barnes traduzem *stásis diánoia* por “paralisia da razão” (*standsill of the intellect*). Trata-se, evidentemente, de uma tradução viciada por uma interpretação controversa, segundo a qual o ceticismo não teria nenhum uso positivo

qual não rejeitamos, nem sustentamos algo. A “imperturbabilidade” é a calma e a serenidade da alma. E lembraremos como a imperturbabilidade acompanha a suspensão na parte sobre o objetivo.

(11) O filósofo pirrônico foi implicitamente definido na concepção da orientação cética, pois é a pessoa que participa dessa habilidade.

c) Os princípios do ceticismo.

(12) Dizemos que o princípio causal do ceticismo é a expectativa de alcançar a imperturbabilidade, pois homens talentosos, perturbados pela irregularidade⁷ das coisas e em aporia sobre a qual delas devem assentir, foram levados a investigar o que é verdadeiro e o que é falso nas coisas, com a expectativa de, ao decidir isso, chegar à imperturbabilidade.

O princípio mais fundamental do ceticismo é opor a todo discurso um discurso igual, pois a partir disso, pensamos, somos levados a não acreditar. (13) Dizemos que o cético não acredita, não naquele significado de acordo com o qual alguns dizem, de modo mais geral, que crença é também aprovar alguma coisa, pois o cético assente às condições⁸ que ocorrem necessariamente conforme uma aparência; por exemplo, ele não diria, quando é aquecido ou esfriado, “penso que não sou aquecido ou esfriado”; dizemos, porém, que ele não acredita naquele significado de crença usado por alguns, segundo o qual crença é assentimento às coisas não-evidentes investigadas nos saberes⁹, pois o pirrônico não assente a nada não-evidente.

(14) Além disso, mesmo ao proferir as expressões céticas acerca dos não-evidentes, por exemplo “nada mais” ou “nada determino”, ou qualquer uma das outras sobre as quais futuramente falaremos, ele não acredita, pois, de fato, o dogmático põe como subsistente a coisa sobre a qual diz acreditar, enquanto o cético não põe essas expressões como uma coisa subsistente, pois considera que, assim como a expressão “tudo é falso” diz ser ela própria falsa junto com todas as outras coisas, e do mesmo modo “nada é verdade”, assim também “nada mais” diz que ela própria não é mais junto com todas as outras coisas e, por isso, ela se anula

para a razão, mas somente destruiria a razão usando a própria razão. Melhor traduzir de maneira mais neutra, sem prejudicar qual é exatamente a posição cética diante da “razão”. Sexto já disse (PH 1.5-6) e dirá algumas palavras especificamente sobre isso (PH 1.16-20). Ver meu contário sobre os nomes acima.

⁷ O termo é *anomalía*. Em português, há um termo análogo: “anomalia”. No entanto, parece que o sentido do termo em grego é mais amplo do que o termo em português, abrangendo uma diversidade de oposições. Parece-me particularmente importante a ideia de que não há regularidade nas coisas e nossas expectativas, que se formam a partir da observação de certas regularidades, frequentemente não se confirmam por causa de uma irregularidade inesperada nas coisas. Assim, o termo “irregularidade” parece corresponder melhor ao sentido original de *anomalía*.

⁸ O termo é *páthos*. Traduzimos, novamente, por “condição”, num sentido registrado pelos dicionários: “estado em que se encontra alguém”.

⁹ O termo é *tás epístemas*. Seria possível traduzir por “ciências” (Bury, Annas e Barnes). Mas o termo “ciência” não corresponde bem ao termo grego original, que envolve, por exemplo, a filosofia, assim como as *tékhnai* (ciências, artes, ofícios). Creio que a ideia importante nesse termo é o conhecimento, ou o saber, a respeito do suposto não-evidente. Daí a preferência por um termo genérico e neutro como “saberes”.

a si mesma junto com todas as outras coisas. E dizemos o mesmo das outras expressões céticas. (15) Assim, se, de um lado, o dogmático põe como subsistente aquilo sobre o qual acredita, de outro, o cético profere suas expressões como implicitamente anulando-se a si próprias, de modo que não se deveria dizer que, ao proferi-las, ele acredita. O mais importante é que, ao proferir essas expressões, ele diz o que a ele próprio aparece e comunica sua condição sem opinar, sem nada assegurar sobre os objetos subjacentes externos.

d) As razões do ceticismo.

(16) Respondemos à pergunta se o cético tem uma doutrina de maneira semelhante. Se, por um lado, alguém diz que uma doutrina é a preferência por várias crenças coerentes umas com as outras e também com as coisas que aparecem e que crença é o assentimento a algo não-evidente, diremos que ele não tem uma doutrina. (17) Se, por outro lado, alguém disser que uma doutrina é uma orientação que segue uma certa razão de acordo com o que aparece, razão esta que indica como é parecer viver corretamente¹⁰ (corretamente sendo tomada não somente de acordo com a virtude, porém mais suavemente), e estendida à habilidade de suspender o juízo,¹¹ dizemos que ele tem uma doutrina, pois seguimos uma certa razão de acordo com o que aparece, a qual mostra uma vida conforme os costumes pátrios, as leis, as orientações e as condições pessoais.

(18) E dizemos algo semelhante sobre se, no investigar, o cético discorre sobre a física. Por um lado, a fim de assegurar com firmeza sobre o que se acredita no discurso da física não discorremos sobre a física, mas, por outro, a fim de opor a todo discurso um discurso igual e tendo em vista a imperturbabilidade discorremos sobre a física. Também tratamos dessa maneira as partes lógica e ética da chamada filosofia.

(19) Aqueles, porém, que dizem que os céticos suprimem as coisas que aparecem me parecem não ter ouvido o que dizemos, pois não abolimos as coisas que nos levam involuntariamente ao assentimento conforme a aparência recebida, como dissemos anteriormente, e essas são as coisas que aparecem. E quando se investiga se o objeto subjacente é tal como aparece, concedemos que esse aparece; contudo, investigamos, não o que

¹⁰ Mutschmann sugere omitir *dokeîn*, no que é seguido por Annas e Barnes. Bekker, seguido por Mates e Bury, mantém o termo. Embora não se veja muito claramente qual é a contribuição de *dokeîn* para a frase (seria somente a de não *afirmar* exatamente qual é a vida correta, mas somente *expressar* qual vida aparece como a correta para o cético?), preferimos manter o termo. Caso se prefira omiti-lo, a tradução é: “razão esta que indica como é viver corretamente”.

¹¹ Há divergências sobre onde encerrar o parêntese. Bury e Mates sugerem: “porém mais amplamente), e estendida à habilidade de suspender o juízo”, dizemos que tem uma doutrina”. Annas e Barnes preferem incluir “e estendida à habilidade de suspender o juízo” dentro do parêntese. Há duas vantagens nesta tradução: 1) deixa mais clara a ideia principal: “se uma doutrina é uma orientação segundo uma certa razão, então o cético tem uma doutrina”; 2) parece natural que o sentido restrito, que só incluiria a virtude, é “mais amplo” não por dizer respeito às ações na vida, mas também por estender-se à atividade filosófica de argumentar a favor de lados opostos para suspender o juízo. Entretanto, nos manuscritos, os parênteses se encerram no lugar traduzido por Bury e Mates.

aparece, mas o que se diz sobre o que aparece; e isso é diferente de investigar a própria coisa que aparece. (20) Por exemplo, o mel aparece-nos adoçar; aceitamos isso, pois somos adoçados de maneira sensível, mas investigamos se também é doce no que diz respeito ao discurso; isso não é o que aparece, mas o que se diz sobre o que aparece. Mas se também questionamos abertamente por meio do discurso as coisas que aparecem, não queremos com isso destruir as coisas que aparecem, mas apontar a precipitação dos dogmáticos, pois se o discurso é tão enganoso assim a ponto de sozinho arrancar as coisas que aparecem da frente de nossos olhos, como não se deveria suspeitar dele no caso dos não-evidentes, de modo a não sermos levados por ele à precipitação?

e) O critério do ceticismo.

(21) Está claro, dado o que dizemos sobre o critério da orientação cética, que aderimos às coisas que aparecem. Usa-se “critério” de duas maneiras: para a confiança na subsistência ou na não subsistência de algo apreendido, sobre o qual falaremos no discurso refutativo; e para a prática, de acordo com o qual, se aderido na vida, praticamos algumas coisas e outras não; falamos agora sobre este. (22) Dizemos, então, que o critério da orientação cética é o que aparece, chamando-a potencialmente de aparência, pois, jazendo na condição passiva e involuntária, não é investigável. Por isso, acerca do que aparece, presumivelmente ninguém discutirá se o objeto subjacente aparece assim ou assada, mas investiga-se sobre se essa é tal como aparece.

(23) Assim, tendo aderido às coisas que aparecem, vivemos sem opinar segundo a observância da vida comum, uma vez que não podemos ser totalmente inativos. Essa observância da vida comum parece ter quatro partes: uma sustenta-se na indicação natural, outra na necessidade das condições, outra no legado das leis e também dos costumes, outra no ensino dos ofícios. (24) De fato, pela indicação da natureza somos naturalmente seres capazes de sensações e pensamentos; pela necessidade das condições a fome leva-nos a comer e a sede a beber; pelo legado dos costumes e das leis adotamos, segundo a vida comum, a piedade como boa, mas a impiedade como má; e pelo ensino dos ofícios não somos inativos nos ofícios que adotamos.

E dizemos tudo isso sem opinar.

f) O objetivo do ceticismo.

(25) Depois disso, o próximo tópico tratará do objetivo da orientação cética. Ora, o objetivo é aquilo graças ao qual tudo é feito ou considerado por si mesmo, sem ter outra coisa em vista, ou o derradeiro objeto dos desejos. Dizemos até agora que o objetivo do ceticismo é a imperturbabilidade no que concerne à opinião e a moderação das condições no que é inevitável, (26) pois o cético começa o filosofar buscando decidir entre as aparências e

apreender quais são verdadeiras e quais falsas para atingir a imperturbabilidade; encontrando um desacordo equipolente e sendo incapaz de decidir, suspendeu o juízo. Tendo suspenso, a imperturbabilidade a respeito das opiniões seguiu-se fortuitamente. (27) Com efeito, quem opina que algo é bom ou mal por natureza é perturbado por tudo: quando não está próximo daquilo considera bom, julga-se perseguido por coisas más por natureza e busca aquelas consideradas boas por ele; e, quando as obtém, abraça mais perturbações por exaltar-se sem razão nem medida e, temeroso de mudança, faz tudo para não perder aquilo que é considerado bom por ele. (28) Mas quem não determina nada sobre os bens ou os males segundo a natureza, nem foge ou persegue algo intensamente, está, por isso, sem perturbações. Assim, o que se diz sobre o pintor Apeles também aconteceu com o cético, pois dizem que ele, pintando um cavalo e querendo imitar a espuma do cavalo na pintura, fracassou de tal maneira que desistiu e arremessou a esponja usada para limpar as cores do pincel, a qual, atingindo a pintura, produziu uma imitação da espuma do cavalo. (29) Os cétricos, portanto, esperam obter a imperturbabilidade por meio da decisão sobre a irregularidade entre as coisas que aparecem e as coisas pensadas e, não sendo capazes de fazer isso, suspendem o juízo. Tendo suspenso o juízo, a imperturbabilidade seguiu-se fortuitamente, como a sombra segue ao corpo.

No entanto, não consideramos que o cético está totalmente sem incômodo, mas dizemos que é incomodado por aquilo que lhe é coagido, pois concordamos que às vezes tremem de frio, sentem sede e sofrem outras coisas semelhantes. (30) Mas, nesses casos, porém, as pessoas comuns são afligidas por circunstâncias duplas, pelas próprias condições e não menos por pensarem que essas circunstâncias são más por natureza, enquanto o cético, removendo a opinião adicional de que cada uma dessas é má por natureza, escapa delas mais moderadamente. Por isso, dizemos que o objetivo do cético é a imperturbabilidade no que tange às opiniões e a moderação das condições no que tange às necessidades. Alguns dos cétricos notáveis adicionaram a essas também a suspensão do juízo nas investigações.